

# Ficções Identitárias no Quebec: o ponto de vista da crítica

Josef Kwaterko

*Resumo:* Desde os anos 1980, as novas interrogações identitárias que caracterizam toda uma corrente do romance quebequense contemporâneo constituem o ponto de observação privilegiado da crítica (e da pesquisa literária) no Quebec e em outros lugares. Este estudo se propõe fazer um balanço provisório dos vinte últimos anos de uma reflexão crítica sensível à reconfiguração das estratégias interculturais e das representações identitárias na ficção narrativa no Quebec. Ele dará conta de problemáticas diversas tais como: americanidade, heterogeneidade linguageira, nomadismo memoral, escritura “no feminino” e escritura “migrante”, metaficção assim como a textualização do saber crítico.

*Résumé:* Depuis les années 1980, les nouvelles interrogations identitaires qui caractérisent tout un courant du roman québécois contemporain constituent le point d’observation privilégié de la critique (et la recherche littéraire) au Québec et ailleurs. Cette étude se propose de faire un bilan provisoire de vingt dernières années d’une réflexion critique sensible à la reconfiguration des enjeux interculturels et des représentations identitaires dans la fiction narrative au Québec. Elle tiendra compte des problématiques diverses, telles que: l’americanité, l’hétérogénéité langagière, le nomadisme mémoriel, l’écriture “au féminin” et l’écriture “migrante”, la métafiction ainsi que la textualisation du savoir critique.

Em um artigo de 1980, falando sobre o aparecimento no Quebec de um discurso crítico que tomava finalmente a literatura quebequense como objeto de reflexão, André Brochu sublinhava com ênfase:

Durante os vinte últimos anos, a situação mudou completamente. O ensino das letras foi laicizado, os departamentos de estudos literários evoluíram consideravelmente e um fenômeno maior se produziu: nos conscientizamos da existência de uma literatura quebequense em pleno desenvolvimento, distinta da literatura francesa e da norte-americana por sua inspiração e suas aspirações. (Brochu, 1988, p.122-123)

E o autor terminava suas afirmativas entrevedo, na modernidade, iniciativas desta crítica, no plano teórico e metodológico, uma liberdade de movimento nutrida por grandes correntes de idéias:

Porque existe uma literatura quebequense e que ela se esforça em produzir, aqui, o universal, deve haver uma crítica quebequense e esta crítica, bem longe de ser a expressão de um ponto de vista regionalista, será nossa maneira de ser críticos do Quebec, de servir à literatura e de inventar o universal (ibid, p. 132).

Sabe-se contudo que nem sua legitimação tardia como corpus nacional nem sua incrível efervescência nem, enfim, o simples fato de sua laicização, fizeram da literatura quebequense um terreno propício à “produção do universal”. Durante a década que seguiu-se à Revolução Tranqüila, a lógica do desenvolvimento desta literatura em relação a uma conjuntura política e social cheia de tensões, a hipersensibilidade dos escritores à insegurança lingüística, um campo institucional marcado pela ambigüidade dos sentimentos de pertença coletiva, em resumo, todos estes fatores tiveram um papel em favor do que Jacques Godbout chamou de “serviço nacional obrigatório”(Godbout, 1975, p. 157). E, por analogia, do lado da crítica, o universal fica também fora da expectativa devido à pressa com a qual esta privilegiava uma leitura estritamente identitária do texto literário. Em uma carta a André Brochu, também de 1980, Gilles Marcotte assinala claramente o tipo de atividade crítica, fundada no desejo forçado de oferecer ao leitor um “discurso de verdade”.

Vocês sabem como as coisas se passam geralmente: estuda-se o personagem de Azarius Lacasse, de *Bonheur d'occasion*, e o descobrimos fraco, irresponsável e dizemos: “olhe como é

verdadeiro”, o pai é fraco no romance como ele o é na sociedade quebequense, e a explicação sócio-histórica segue como uma carta colocada no correio; ou ainda porque Bernice Einberg é judia, diremos que ela representa a situação minoritária dos quebequenses (Brochu e Marcotte, 1980, p. 45).<sup>1</sup>

Hoje pode-se afirmar que uma coesão estrita entre o conteúdo social das obras e a percepção de uma situação marginal dos quebequenses foi substituída por um olhar crítico que vê o texto mais como um objeto estético. Não porque a questão da identidade coletiva tenha sido evacuada da reflexão e julgada como muito forte ou muito cúmplice da posição ideológica do próprio crítico. Mas porque a crítica quebequense teve que elaborar novas formas de apropriação da pluralidade na escritura e, ao mesmo tempo, dar conta dos fenômenos de interpenetração cultural, cada vez mais manifestos no Quebec no plano social e lingüístico. Efetivamente, deve-se constatar que desde o entusiasmo um pouco prematuro de André Brochu e a constatação de fraqueza de Gilles Marcotte – digamos, desde os vinte últimos anos operou-se no Quebec uma passagem relativamente rápida de uma *ethnocrítica*, em busca de uma representação alienada do *homo quebecensis* (Brulotte, 1993, p.33 1), a uma nova *relação crítica* no que diz respeito às estratégias identitárias inscritas no texto literário. Uma *relação* no sentido proposto por Jean Starobinski (1970) fundada não por um didatismo explicativo a reboque da ideologia do crítico, mas por uma hermenêutica, procurando pôr em dia, através de diversas fontes de *interpretação*, as configurações identitárias que modificam em profundidade o espaço cultural e social no Quebec.

Para fazer um balanço provisório de tipo metacrítico destas novas interrogações do identitário, proponho-me a destacar sumariamente algumas estratégias sócio-culturais que caracterizam um número importante das ficções narrativas no Quebec, desde os anos 1980, e que encontram sua pertinência em sua apreciação crítica.

## A deriva continental

Uma destas estratégias diz respeito em primeiro lugar à representação do espaço-tempo no romance quebequense e, em particular, sua abertura a uma espacialidade e a uma historicidade em relação à colonização que seguiu a conquista das Américas. E preciso, contudo, sublinhar que, no que diz respeito à ficção quebequense depois de 1980, não

<sup>1</sup> Alusão ao personagem anrrqador de *l'Avalée des ovolé.s* (1966) de Réjean Ducharme.

se trata mais de recusa do enraizamento americano, de temor do esfacelamento da identidade quebequense no *melting pot* estadunidense. Trata-se sim de um desejo de reenraizamento, isto é, de uma reapropriação da pertença americana imprecisa e tateante seja de uma vocação continental ou transcontinental decifrada de novo no que ela tem de violento, de angustiante, de homogeneizante, mas também no que ela tem de inventivo, de criativo e de estranho.

Já a partir dos anos 60, o romance quebequense projetava seus narradores e seus personagens fora do espaço familiar – pensemos na representação de Nova York em *Ethel e o terrorista* (1964), de Claude Jasmin, da Suíça românica em *Prochain épisode* (1965), de Hubert Aquin, de Winnipeg e do México em *Le couteau sur la table* (1964), de Jacques Godbout, e, mais próximo de nós, no espaço mítico do Grande Norte em *Un dieu chasseur*, de Jean-Yves Soucy (1976), e no *Dernier été des indiens* (1982) de Robert Lalonde, ou ainda no espaço parisiense – não menos mítico, mas muito alienante que encontramos em *Des nouvelles d'Edouard* (1984) de Michel Tremblay. Contudo, esta “extraterritorialidade”, que precede o período de que falo, tinha antes por função cristalizar a tópica do afastamento identitário do sujeito quebequense figurado como inexoravelmente exposto à aculturação e à ameaça identitária. Ora, a reivindicação da pertença americana nos anos 1980 e 1990, teve, aparentemente, isto de novo e de particular: ela dinamizou uma memória intercultural de uma maneira menos antagonista e mais dialógica (embora freqüentemente tensional) – uma memória que se exprime ora pela releitura angustiante de certas narrativas e mitos fundadores (Jacques Poulin, *Volkswagen blues*, 1984), ora pela tradução do inglês como experiência da exploração das identidades múltiplas que submetem a própria veracidade da ficção a uma diversidade dos pontos de vista e das versões da narrativa (Nicole Brossard, *Le désert mauve*, 1987), e, seguidamente, pela resistência à ilusão ótica, ao kitsch, às armadilhas do nivelamento cultural, ao vampirismo dos meios de comunicação e a esta “êxtase da comunicação” que Jean Baudrillard (1987) considera como inerente à violência das grandes cidades americanas. Em resumo: trata-se de um novo reencontro da América, tanto eufórica quanto angustiante, e que pode às vezes suscitar uma nostalgia do retorno ao espaço original e a seus valores culturais, como acontece na obra de Pierre Turgeon, *La première personne* (1980), de Gilies Archambault, *Lê l'ovageur distrait* (1981), de Madelaine Monette, *Petites violences* (1982), de Jacques Godbout, *Une histoire américaine* (1986) ou de Monique LaRue, *Copies conformes* (1989).

Espaços de poder, podendo desencadear estratégias de rejeição ou estratégias de reapropriação de uma multiplicidade feliz, mas também espaços de disponibilidade, oferecidos à deriva continental, às vezes a um jogo figurativo confrontando o nomadismo atávico mais antigo, o do desbravador (*courreur de bois*) franco-americano, com o sedentarismo secular do habitante canadense – se estas representações cronotópicas da América formam um novo desafio à literatura quebequense, é porque elas traduzem todas as formas de explosão identitária que atravessam o texto – lingüística, memorial, cultural – e isto tanto no plano narrativo quanto no estilístico e discursivo.

Esta inacreditável circulação do imaginário identitário que se efetuou em algumas décadas no romance quebequense foi captada por um importante número de trabalhos críticos. Sensíveis aos fenômenos da heterogeneidade, estes ficaram quase todos fascinados pelo caráter eminentemente problemático, pois híbrido, transcultural e supranacional, das referências identitárias inscritas no romanesco. No que diz respeito ao imaginário americano manifesto na literatura quebequense, é preciso notar os trabalhos fundamentais de Johnatan Weiss (1983, 1985), de Bernard Andrés (1990), de Jean Morency (1994), de Jean-François Chassay (1995). Deve-se também saudar o caráter inovador das perspectivas interamericanas (sul-americanas, caribenhas e franco-canadenses) trazidas ultimamente por Zilá Bernd em seu artigo introdutivo a *L'identitaire et le littéraire dans les Amériques* (1999 a). Mas, falando da inscrição da americanidade, é preciso sublinhar a importância do desligamento epistemológico em relação a uma crítica quebequense submetida ao sócio-texto nacional efetuado pelo trabalho de Simon Harel (1989) sobre a cosmopolitização crescente do romance quebequense em Ferron (*La Nuit*, 1965; *Papa Boss*, 1966), Godbout (*Les têtes à Papineau*, 1981); *Une histoire américaine*, 1986) e Poulin (*Volkswagen blues*, 1984) — em particular sobre a textualização do devir “continental” da identidade quebequense que supõe, segundo Harel, uma passagem difícil, mas incontornável, da etnicidade ao estranhamento, no sentido freudiano da interpelação inquietante do *eu* pelo *outro*.

Esta passagem diz que a identidade não pode se deixar apreender em sua unicidade, em relação a si própria, que ela é sempre fugidia e em construção, inacabada diante de heranças múltiplas, paradoxalmente “estrangeira a si-mesma”, para retomar a expressão-imagem de Kristeva, pois irredutivelmente fundada sobre uma necessidade e sobre uma liberdade. Para os escritores quebequenses, este paradoxo inscrito em texto é uma questão de negociação, de indecisão e de diversas estratégias em contraponto de inscrição e de distanciação. Vê-se bem, através das figuras das alianças interamericanas entre o Norte e o Sul, que surgiram recentemente as representações ficcionais do Brasil, em escritores de “souche” como Noël

Audet, Pierre Samson, Daniel Pigeon ou Claire Varin, mas também em Sergio Kokis, escritor brasileiro imigrado para o Quebec em 1967. Ultimamente vários estudos críticos no Brasil (Porto, 1996; Bemd, 1999b; Figueiredo, 2000) verificaram a presença nestes escritores de uma vontade de inscrever um espaço americano transfronteiriço – continental e de arquipélago (no sentido de Edouard Glissant) – e de sair do espaço isolado, insular ou sedentário. E quando esta apreensão do sul convoca ainda em alguns destes romancistas um imaginário estereotipado a fim de utilizar o Brasil como cenário exótico ou sensacional (a natureza tropical luxuriante, a representação obrigatória da macumba, a miséria, a violência urbana, as crianças abandonadas), ela não deixa de ser uma *prova do outro*, onde o discurso sobre a especificidade e a diferença quebequense é interrompido diante de um discurso da alteridade – um discurso de tipo dialógico, aberto à mediação entre o identitário e o heterogêneo, mas que permite ao sujeito quebequense (personagem-narrador) co-experimentar seu lugar na confluência de referências plurais retiradas desta “outra América”.

Paralelamente a esses trabalhos, a atenção crítica está cada vez mais atenta em relação à heterogeneidade linguageira que atua no romance quebequense, realidade que lhe é de certa forma consubstancial desde suas origens “canadenses” e que questiona qualquer abordagem que faz da língua um fetiche identitário ou um emblema do enraizamento. Neste plano, seria preciso evocar o conceito de “conflito de códigos”, proposto por André Belleau (1984, p.154-157) para estudar as tensões de natureza sócio-discursiva no campo literário do Quebec, a despistagem por Betty Bednarsky dos “espaços bilíngües” em Jacques Ferron (1989), a noção de “sobre-consciência lingüística” de Lise Gauvin (1997-2000) que deixa abrir o francês como língua de escritura no Quebec a todos os desvios imaginários ou ainda o conceito bakhtiniano de “heterolingüismo” o qual permitiu a Reiner Grutman (1997) remontar ao século XIX para atualizar os “enunciados multilíngües” nos primeiros romances canadenses-franceses.

## As narrativas dos imigrados e as narrativas migrantes

Isto me leva ao segundo desafio da crítica do romance quebequense – mas que permanece fortemente ligado às representações espaço-temporais – o constituído pelas escrituras ditas “migrantes” para o futuro da literatura quebequense. Correndo o risco de repetir o que muitos já expressaram, pois muito já se escreveu a respeito, direi, esquematizando, que desde 1980, estas escrituras não cessam de redefinir o próprio conceito de uma literatura quebequense especificada como nacional”. Esta redefinição se opera no primeiro plano pelo deslocamento das referências geo-culturais e sócio-

econômicas tradicionalmente representadas como clivadas ou dicotômicas: anglófona x francófona; rural x urbana; católica x protestante — bem como pelo deslocamento da língua francesa em favor das formas languageiras híbridas e mestiças. Em seus livros de ensaios, Pierre Nepveu (1989:1999) propôs uma releitura crítica do corpus quebequense sob o signo do exílio, do estranhamento, da deposeição identitária e de uma interioridade espiritual comum aos escritores das Américas a fim de postular a chegada de uma literatura pós-quebequense. Não em função de sua aniquilação pura e simples, mas devido a toda sua complexidade estética bem como as transformações em profundidade do campo literário no Quebec, cada vez mais liberado de suas cristações nacionais de antigamente sob o impulso de diversas experiências migratórias. Joel Des Rosiers, autor haitiano do Quebec, exprime melhor do que ninguém esta ex-centricidade e esta pluralidade das referências que caracterizam o imaginário migrante de um bom número destes escritores vindos ao Quebec de horizontes culturais os mais diferentes:

Nosso trabalho consiste em testar as identidades. Nossa identidade é plural [...] para nós, um meio privilegiado de testar as identidades é o trabalho sobre a linguagem. Maneira de traduzir as emoções e de brincar com a língua como se se tratasse de um brinquedo; nós brincamos com as palavras com tanto prazer quanto crueldade. Nós somos igualmente sensíveis à pluralidade das linguagens representada pela francofonia. Resultado imprevisto da colonização. Isto significa que nós somos capazes de dizer em uma língua estrangeira o que na nossa língua materna já é estranho [...] A tentação é portanto forte de manipular diferentes línguas: francês, crioulo, inglês, etc. Misturadas em um mito babélico das origens e do futuro livre de todas as tradições. Sem dúvida chegamos ao fim das coincidências entre linguagem, cultura e identidade. Para nós, toda língua é matizada de estranhamento: e nossa arte poética procura distanciar-se de qualquer veleidade de enraizamento. Para nós, o desenraizamento é um valor positivo: portador de modernidade, porque ele autoriza a hibridação, a heterogeneidade, a abertura ao Outro em si (Dérosiers, 1996, p.182).

Este entrecruzamento das memórias culturais pode ser captado através do afastamento, ou até mesmo da partilha entre um “antes” do exílio e seu presente, entre a dor do banimento, o luto da origem e todos os

fantasmas de continuidade ou de integração ao espaço de acolhida. Encontramos este trabalho memorial em “narrativas dos imigrados” que contam a própria experiência da imigração: as de Naim Kattan (*La fiancée promise*, 1983; *La fortune da passager*, 1989), de Marco Micone (*Lê figuier enchanté*, 1992), de Marilu Mallet (*Les compagnons de l’horloge pointeuse*, 1981, Miami trip, 1986) ou de Ying Cheng (*Lettres chinoises*, 1993). Mas ao lado destas relações binárias – Quebec/país de origem – podemos encontrar estruturas narrativas mais abertas, mais “migrantes” pois constroem um espaço nômade que não é “nem de exílio nem de desenraizamento [...] nem majoritário nem minoritário” (Robin, 1992, p.37). Assim em certos romancistas haitianos do Quebec, como Emile Olivier (*La discorde aia cents i’oix*, 1986; *Les ames scellés*, 1995; *Regarde, regarde les lions*, 1995; *Mille-eaux*, 1999) e Dany Laferrière (*Odeur de café*, 1991; *Pays sans chapeau*, 1996; *La chair du maître*, 1997; *Le cri des oiseaux fous*, 1999), veremos significativamente como os tópicos do exílio político, da alienação coletiva e individual, das tensões inter-raciais e da dispersão identitária vão progressivamente desprender-se do horizonte espaço-temporal quebequense, inerente as suas primeiras obras, para instaurar, mas de modo individual e menos ideológico, uma nova relação dialógica (intracultural) com o espaço-tempo caribenho: o da confissão, da ficção biográfica, do “retorno à infância” e do jogo com a diversidade dos discursos comunitários. Já tive ocasião de demonstrar em outro artigo como *La Québécoite* de Régine Robin (1988) constitui a este respeito, uma “narrativa migrante” exemplar na medida em que o espaço urbano e cosmopolita de Montreal, dando-se em superfície como um lugar de dispersão de todos os pontos de referência identitários, remete incessantemente (de um modo também aberto, mas muito menos eufórico) à experiência histórica e cultural judaica: a de um personagem-narrador tendo sobrevivido ao holocausto e que tenta redescobrir o passado individual e familiar, figurado como fantasmático e “revenant”, apelando para o vestígio cultural, para os fiapos de memória, para o intertexto judaico de antes da guerra assim como para um imaginário de língua onde o francês se cruza com o inglês, a melodia da frase em idiche e a letra hebraica (Kwaterko, 1998, p.177-189).

Este desejo individual de inscrever trajetórias culturais e de transgredir as relações identitárias binárias é igualmente privilegiado no romance quebequense “no feminino” que conheceu, desde os anos 1980, uma nova dinâmica. Trata-se de uma estética menos apoiada no formalismo, como nos escritos feministas dos anos 1970, e mais centrada em uma auto-reflexividade com valor existencial, misturando ficção crítica, escritura e leitura, pondo em cena um “pensamento no feminino” sobre o amor, a maternidade, as pulsações do cotidiano, sobre uma diversidade de

sentimentos amalgamados que atravessam as narrativas poéticas de Nicole Brossard, Madelaine Gagnon, Lise Gauvin, Louise Dupré, Danielle Fournier, Pauline Harvey, Madelaine OuelletteMichalska, Erance Théoretou Yolande Viliemaire. A este respeito, um conjunto de trabalhos críticos feministas – desde *D’elles* de Suzanne Lamy (1989), passando pelos estudos pioneiros de Barbara Godard (1987) e Karen Gould (1990), os do coletivo apresentado por Lori Saint-Martin (1994), até o trabalho recente de Lucie Robert e Annette Hayward, *La vieille filie. Lectures d’un personnage* (2000) puderam demonstrar como a reconversão para o íntimo regenera a própria fórmula romanesca; como, pelo entrecruzamento do oral e do escrito, pela inserção da problemática das memórias múltiplas e fragmentadas, esta prática de escritura opera um importante desligamento do “texto cultural quebequense”, arrancando-o à etnicidade e fazendo uma releitura “pós-histórica”, subjetiva e hiperconsciente das reconfigurações identitárias que marcaram a paisagem social do Quebec.

Enfim, na mesma ordem de idéias, podemos situar certos trabalhos críticos de Janet Paterson (1993), de Jean-François Chassay (1995) e de Robert Dion (1997) que procuram destacar os “efeitos de saber” científico ou propriamente crítico oferecido pela ficção no Quebec. Estudando as diversas figuras do crítico do professor, do escritor-leitor, do tradutor em Gérard Bessette, Jacques Brault, Victor —Lévy Beaulieu, Nicole Brossard, Monique Larue e Robert Racine, Robert Dion demonstra que o saber crítico inscrito no romance quebequense desde 1980 efetua um “dialogismo poderoso”, uma atividade hermenêutica, intertextual e interdiscursiva permitindo pensar enfim esta literatura como “ao mesmo tempo quebequense e universal [...] que se deixa impregnar pelas correntes mundiais, particularmente pelo pensamento da pós-modernidade - por um pensamento desterritorializado e deshistoricizado, propicio a todas as hibridações” (Dion, 1997, p.189).

Todo este pensamento crítico nos modos de reapropriação do saber, de reciclagem do passado cultural confrontado com a própria velocidade da circulação do saber exige, hoje, uma relação dinâmica e aberta ao mundo que a ficção identitária incorpora em seus dispositivos estéticos. Consciente do contexto pós-colonial e pós-moderno das modificações nas configurações identitárias no Quebec, Sherry Simon afirmava no início da última década do século passado:

O debate sobre o identitário cultural no Quebec participa obrigatoriamente de um contexto mundial caracterizado por profundas mutações ao mesmo tempo sócio-demográficas e conceituais. As migrações sem precedente da era pós-colonial, a aceleração das comunicações e dos deslocamentos, e a

internacionalização da cultura de massa que dela resulta, se acompanham de uma modificação na ordem das afiliações identitárias. Heterogeneização acrescida das populações e a dispersão de seus compromissos trazem um desafio às imagens e aos mitos da especificidade da cultura nacional; em toda parte no ocidente, o ideal de uma cultura nacional monolítica se revela cada vez mais difícil de atualizar. (Simon, 1991, p. 17)

Para concluir, eu diria somente que esta reorientação da representação das identidades no discurso crítico no Quebec não significa nem desenraizamento nem um avanço em direção a uma indiferenciação desmedida nem um relativismo com pretensões de contornar as fronteiras estritamente nacionais para dizer que tudo se equivale na cultura. Se esta ficção acede finalmente à universalidade como havia desejado André Brochu, é porque ela desfaz certezas identitárias sempre aproximativas e duvidosas em relação à heterogeneidade constitutiva do Novo Mundo. Nesta pluralização que é de agora em diante a nossa, a universalidade adquire um novo sentido. Ela não é mais uma matriz cultural comum ou modelo da humanidade, mas uma experiência do heterogêneo compartilhado. Ela deve ser entendida como um desafio a assumir: o de uma *identidade relação* – no sentido proposto por Édouard Glissant (1996, p.23-25) – fundada sobre novas alianças entre as línguas e as culturas, e estranha a uma *identidade raiz única*, ligada a uma cultura particular.

Tradução do francês por Zilá Bernd.

## Referências bibliográficas

- ANDRES, Bernard. *Écrire le Québec: de la contrainte à la conrriarité. Ess ais sur la constjution des leitres*. Montréal: XYZ, 1990.
- BAUDRILLARD, Jean. The extasy of communication. In *Posunodern culture*, editado por H. Foster, Londres e Sydney, 1987.
- BEDNARSKI, Betty. *Autourde Ferron. Liuération, iraductian, altérité*. Toronto, edição do GREF, 1989.
- BELLEAU, André. Le conflit des codes dans l'institution littéraire québécoise. lo *Ya-t-il un inteilectuel dans la salie?* Montréal: Primeur. 1984 (*reedição Suprendre les voix*, Montreal: Boréal, 1986).
- BERND, Zilá. Identités composites; écritures hybrides. In BERNARD, A & BERND, Z. (org.) *L'identitaire et le littéraire dans les Amériques*. Quebec; Nota Bene, 1999. P.17-22.

- BERND, Zilá. Une promenade en Amérique. *Voix et Images*, vol XXV, ni, outono 1999, p.164-175.
- BROCHU, André. Lecture(s) québécoise(s) de la littérature française. *Cahiers de l'ACFAS*, n.4, 1980.
- BROCHU, André & MARCO'JTE, Guies. *La littérature et le reste* (livre de lettres).Montreal: Quinze, 1980.
- BRULOTTE, Gaetan. L'ethnocritique et la littérature québécoise. *La Licorne*, n.27, 1993, p.329-336 (Université de Poitiers).
- CHASSAY, J.F. *L'ambiguïté américaine. Le roma,i québécois face aux Etats Unis*. Montréal: XYZ, 1995.
- DESROSIERS, Joël. *Théories caraïbes. Poétique d'ii déracinemeni*. Montréal: Triptyque, 1996.
- DION, Robert. *Le moment critique de la fiction. Les interprétations de la littérature que proposent les fictions québécoises contemporaines*. Québec: Nuit Blanche, 1997.
- DUPRE, Louise. *Stratégies de vertige. Trois poètes: N. Brossard, M. Gagnon, E. Théoret*. Montréal: Remue-Ménage, 1989.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Représentation du Brésil dans la littérature québécoise contemporaine. *Voix et images*, vo. XXV, n.3, primavera 2000, p.563-575.
- GAUVIN, Lise. D'une langue à l'autre. em *L'écrivain francophone à la croisée des langues*. Entretiens. Paris: Karthala, 1997.
- Lagagement. L'écrivain etia langue au Québec*. Montréal: Boréai, 2000.
- GLISSANT, Edouard. *Introduction à une poétique du Divers*. Paris: Gallimard, 1996.
- GODARD, Barbara. *Gynocritics/Gynocritiques:feminists approaches to the writing of Canadian anda Quebec Woman*. ECW, 1987.
- GODBOUT, Jacques. Novembre 197 1/Ecrire. In *Le Réformiste*. Montréal: Quinze, 1975. p.147-157.
- GOULD, Karen. Writing in rhe Feminine. *Feminism and experimental Writing in Quebec*. Carbondale, Southern Illinois Univ. Press, 1990.
- GRUTMAN, Reiner. *Des langues qui résonent. L'hétérolinguisme au XIX e si~cle littéraire québécois*. Montréal: Fides/CETUQ, 1997.
- HAREL, Simon. *Le voleur de parcours: identité et cosmopolitisme dans la littérature québécoise contemporaine*. Montréal: Le Préambule, 1989.
- KWATERKO, Jozef. *Le roman québécois et ses (inter)discours*. Québec: Nota Bene, 1998.

LAMY, Suzanne. *D'elies*. Montréal: L'Hexagone, 1979. NEPVEU, Pierre. *L'écologie du réel. Mort et naissance de la littérature québécoise*. Montréal: Boréal, 1989.

*Intérieurs du nouveau Monde*. Essais sur les littératures du Québec et des Amériques. Montréal: Boréal, 1998. MORENCY, Jean. *Le mythe américain dans les fictions d'Amérique*. Québec: Nuit Blanche, 1994.

PATERSON, Janet. *Moments post-modernes dans le roman québécois*. Ottawa: Les Presses de l'Univ. d'Ottawa, 1993.

PORTO, Maria Bernadette V. En découvrant l'Amérique: la poétique de la circulation dans les textes brésiliens, québécois et acadiens. *International Journal of Canadian Studies*, n. 13, primavera, 1996, p.95-111.

ROBERT, Luice & HAYWARD, Annette. *La vie/le filie. Lectures d'un personnage*. Montréal: Triptyque, 2000.

ROBIN, Régine. Sortir de l'ethnicité. in *Métamorphoses d'une utopie*.

*Le pluralisme ethno-culturel en Amérique: un modèle pour l'Europe?*

organizado por Jean-Michel Lacroix e Fuívio Caccia. Paris/Montréal:

presses de la Sorbonne/éditions Triptyque, 1992. SAINT-MARTIN, Lori

(org.). *L'autre lecture: la critique au féminin dans les textes québécois*.

Montréal: XYZ, 1994, 2 v. SMART, Patricia. *Ecrire dans la maison du père*.

Montréal: Québec/Amérique, 1989.

SIMON, Sherry. Espaces incertains de la culture In Sherry Simon, Pierre l'Hérault, Robert Schartzwald, Alexis Nouss, org. *Fictions identitaires au Québec*. Montréal: XYZ, 1991.

STAROBINKI, Jean. *La relation critique*. Paris: Galimard, 1970. WEISS,

Jonathan. Vic~or-Lévy Beaulieu: écrivain américain. *Etudes françaises*. v.

XIX, nI, primavera, 1983, p.41-57.

Une lecture américaine de Volkswagen blues, *Etudes françaises*, vo. XXI, n.3 inverno, 1985, p.89-96.